

Ensino estético.

Para: ação pedagógica, Governo bávaro, Munique 1/11/89

A distinção clássica entre o Verdadeiro, o Bom e o Belo provocou o divorcio da nossa cultura em tres (e não em dois) ramos: o científico-técnico, o politico-económico, e o das artes. As escolas preparam a juventude para um desses tres ramos. Isto é visível nas escolas superiores: não há verdadeiras pontes entre as faculdades científicas, as escolas de administração e politologia, e as academias de artes, e isto a despeito da dita interdisciplinariedade. A razão é que cada qual dos ramos elaborou códigos mutuamente intraduzíveis. A filosofia procura estabelecer meta-códigos, mas resulta em mais um código especializado. A nossa cultura está ameaçada de desintegração: as ciências se tornam politicamente e esteticamente irresponsáveis, a política e economia cientificamente ingénuas e esteticamente repulsivas, e a arte politicamente e cientificamente incompetente. Exemplos são cientistas politicamente ativos, políticos que se querem científicos, e artistas "engajados".

A distinção clássica não pretendia isto, já que visava a síntese do Bom e do Belo ("kallogagathia") sob o signo do Verdadeiro ("sophia"). Isto se torna patente na Idade média, quando a arte e a política tinham por meta levar até Deus (ad maiorem Dei gloriam) sob a liderança da filosofia, a qual por sua vez era serva da teologia. A distinção entre os tres "ideais" não ameaçava a unidade da cultura como o faz atualmente. Por certo: há tendências para "superar a divisão" pela interdisciplinariedade, pelo interface e overlap, mas estas esbarram contra duas dificuldades. A primeira é a intraduzibilidade de códigos, o que leva a reducionismo vulgarizante. Ciência, política e arte se diluem. Exemplos: marxismo dito "científico" e design industrial kitschizante. A segunda dificuldade é mais profunda:

As tendências partem do pressuposto que pesquisas do verdadeiro, do bom e de belo podem ser sintetizadas, que ciência, política e arte podem coincidir na praxis. Assumem pois que as tres sub-culturas podem ser unificadas. Isto é erro. Não é o caso que primeiro queremos saber, ou valorizar, ou gozar beleza, e depois unificar as tres "pesquisas". O caso é que queremos primeiro agir (ser livres), e depois somos obrigados a especializar-nos. Não é pois possível querer unificar tres tendências divergentes, mas é possível querer destruir a raiz da divisão nefasta. Para isto, devemos voltar a fenómeno concreto da ação humana. Por exemplo para a fabricação paleolítica de facas. Trata-se de simular o dente vital na pedra, afim de poder comer pedaços do animal caçado enquanto são quentes. Nossos criticos reconhecem os tres "ideais" em tal empresa: (1) o saber do dente e da pedra, (2) o valorizar da carne comestível, (3) a beleza da faca. O fenómeno concreto é outro: quero comer, e a faca é verdadeira, boa e bela se me permitir fazer isto. A faca é verdadeira por ser boa e bela, é boa por ser verdadeira e bela, e é bela por ser verdadeira e boa. A distinção entre "pulchre, bene, recte" é posterior e abstrata.

Por certo: fabricar facas é fenómeno complexo. Exige coordenação entre as duas mãos, os olhos e o cérebro, e a presença imaginada do dente. A complexidade é tão grande que constitue "black box", e isto caracteriza o fazer humano. Mas tal complexidade não envolve a distinção entre ciência, política e arte. A cultura paleolítica era unificada, e todo homem era "uomo universale".

Tal universalidade não mais é viável. Somos seres capazes de codificar informações adquiridas e transmiti-las, de modo que a soma das informações disponíveis aumenta. Não mais cabe em memória individual, o indivíduo precisa especializar-se, e nem todos podem fabricar facas. Uns fazem teorias, outras as aplicam, mais outros as avaliam, mais outros criam formas. Não podemos mais ser "uomini universali", por ninguém ser competente para a totalidade da cultura. A divisão da cultura, essa ameaça mortal, é inevitável, dada a soma das informações disponíveis. Quem quiser combater a especialização, propaga a vulgarização incompetente. O caminho de volta para a unidade paradisíaca da cultura nos é vedado. Este o argumento dos especialistas. O argumento é reacionário e falso. Erra no conceito da competência que aplica. Sugere que competência para a manipulação de sistema (como o é a cultura) exige conhecimento de todos os seus elementos. Mas a cibernética mostra que sistemas complexos podem ser competentemente manipulados por quem conhece seu input e output. Não somos necessariamente incompetentes para a manipulação da cultura por sermos incapazes de armazenar as informações das quais é composta. Podemos perfeitamente tornar-nos competentes ao conhecermos seu input (com que alimentá-la), e seu output (o resultado). O problema é: qual o input e output?

A questão parece insolúvel, mas determinadas técnicas ajudam. As informações adquiridas foram sempre armazenadas em memórias artificiais, e a faca de pedra é disto exemplo: armazena a informação "cortar" em pedra. No decorrer do tempo elaboramos memórias artificiais sempre mais funcionais, por exemplo bibliotecas e museus. Atualmente dispomos de memórias dinâmicas universais que podem armazenar todas as informações disponíveis de maneira recuperável. Quem é competente para a manipulação das tais memórias, para a sua alimentação, para a recuperação, e para a variação das informações armazenadas, é competente para a totalidade da cultura. Criar tal competência é a meta de todo ensino do futuro.

Isto exige nova paideia. Não mais transmitir informações diretamente, mas por intermédio de memórias artificiais, e ensinar como manipulá-las. A memória natural (biológica) deve ceder seu lugar a instrumentos mais eficientes, e o interesse humano deve concentrar-se sobre a análise e síntese do sistema armazenado, (da cultura). Um passo para trazer da informação para a visão sistêmica deve ser dado. A nova paideia visa "generalistas" em sentido novo: gente com visão da totalidade e com competência para criativamente manipulá-la. "Uomini universali". Tal paideia parece-se com a antiga. Na Academia, no Lykaion e na Stoa ensinava-se visão geral, visão de todas as ideias (morphai), e a manipulação das ideias pela matemática, a lógica, e a música, em suma: metodicamente. A diferença é que na Antiguidade as formas eram tidas por imutáveis, e agora por inventáveis. A meta da nova paideia não são filósofos contemplativos, mas criadores.

Inotável quanta tolice elegante vai sendo escrita sobre "estética" e como isto polui o ambiente. Estética é disciplina que trata da vivência ("aisthetai = perceber, vivenciar), e "ensino estético" é ensino do concreto. A nova paideia será ensino estético, porque ensinará o fazer criativo concreto. Ensinará "arte" no sentido que este termo tinha antes da divisão dos ideais em Verdadeiro, Bom e

do Belo. "Arte" enquanto método (por exemplo "arte da matemática", "arte da política", "arte da retórica, portanto poesia"). A nova paideia, enquanto escola de arte neste sentido, destruirá sistematicamente a divisão nefasta da cultura.

Não se trata mais de ensinar especialidades, mas competências para a elaboração de informações (formas) novas. A praxis com as novas técnicas (as ditas "inteligências artificiais") já está se dirigindo neste sentido. Exemplo: elaborar imagem sintética de organismos virtuais inexistentes. Isto exige instrumentos, e gente "especializada" em matemática, em soft-ware, em biologia, em escultura, talvez em filosofia. Mas tal especialização está entre aspas, porque se trata de incluir as competências parciais em diálogo totalizante. A imagem de arte produzida não é nem modelo científico (de conhecimento), nem modelo politico-econômico (de comportamento), nem modelo artístico (de vivência), mas é criação de cultura unificada. Como o era a faca paleolítica, com a diferença de nascer de diálogo entre competências parciais e de instrumentos. E tal imagem não é vulgarização da ciência, da política ou da arte, mas ocupa posto ontológico novo.

O importante é notar que tal paideia abandona a noção de autor individual em prol de diálogo criativo. Também isto relembra a Antiguidade, a qual via no diálogo o lugar da criatividade. Com a diferença que o diálogo clássico desvendava formas, e o novo as inventa. O propósito da nova escola de arte, (tal qual esta contribuição a vislumbra) seria permitir criatividade dialógica, e neste sentido intersubjetiva.

Resumo: A atual divisão da cultura em três subculturas que não mais se comunicam, (e a subdivisão de cada qual das subculturas) ameaça a cultura de morte. Isto pode ser enfrentado com nova paideia, a qual, apoiando-se sobre as novas técnicas, pode vir a ensinar competências para a visão criativa da totalidade. Novos "uomini universali" são possíveis, e novos horizontes se abrem.

.....

4/10/89

Meu caro Milton,

isto em resposta da nossa última discussão na tua casa.
Você acha publicável a coisa em S.Paulo?